



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A ESCOLA INVISÍVEL: O MODERNISMO E SUAS MANIFESTAÇÕES EM FORTALEZA ENTRE 1928-1958

Danielle Almeida Lopes*

Gleudson Passos Cardoso (Orientador)**

1

Sabe-se que o uso do adjetivo moderno para estabelecer a distinção entre o momento presente e o anterior, remonta ao fim da Antiguidade. Baudelaire nos ensina que cada tempo tem sua qualidade de moderno e sua ideia de modernidade: *"A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável"*.¹

Desde o início do século XX, já apareciam em Fortaleza, condições econômicas e sociais que permitiam o surgimento de manifestações artísticas que poderiam ser lidas como modernistas. Nas primeiras décadas do Século XX, Fortaleza adquiria novos contornos uma nova feição sócio-urbana marcada pela influência francesa presente em tudo, desde vitrines lojas a vestimenta, arquitetura a espaços de

* Graduada pela Universidade Estadual do Ceará, Danielle Almeida Lopes atualmente é bolsista PROVIC/UECE atuando na linha de pesquisa Práticas letradas e urbanidades que compõe o GPUR-Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas (UECE).

** Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde leciona no Curso de História e no Mestrado Acadêmico em História\ MAHIS. Integra GPUR-Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas (UECE) e Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense PPGH\ UFF (2009).

¹ Baudelaire 1995

convívio a *Belle Époque* deixaria sua influência na Fortaleza charmosa daquele período. Já nos anos 1940, Fortaleza era um centro atrativo, onde se concentravam os principais equipamentos culturais do estado do Ceará. Marciano Lopes nos dá uma aproximação maior deste período quando narra seu espanto ao chegar a Fortaleza em 1945, encantavam-lhe os prédios altos, as lojas bonitas e as suas vitrines, as ruas movimentadas, os carros, o barulho ensurdecido dos bondes, a elegância das pessoas e as residências chiques. Os anos de 1940 marcavam a mudança de orientação dos modelos que influenciavam a cidade, a capital cearense passaria a ver os Estados Unidos como novo modelo a ser seguido, sai o champanhe e entra a coca-cola. Os parâmetros europeus dariam lugar aos valores norte-americanos.

Essas mudanças refletiriam, é claro, nas produções artísticas e em como os literatos, pintores, poetas viam seu tempo. Através das manifestações artísticas podemos conhecer os agentes que compunham a produção intelectual naquele período. Voltamos ao ponto inicial: o modernismo. É através desse movimento e de suas manifestações que busco compreender a cidade inserida na temporalidade referida. Antônio Girão Barroso revela que *"o modernismo literário aqui começou a florescer realmente em 27, um pouquinho atrasado, com a publicação do livro O Canto Novo da Raça, trazendo poemas de Jáder de Carvalho, Franklín do Nascimento, Sidney Neto e Mozart Firmeza"*. O modernismo literário não era o único que amadurecia por aqueles anos. O movimento artístico, muitas vezes influenciado pela figura do carioca Mário Baratta, também se organizava e se mostrava ativo. Deve-se a Baratta, com sua liderança, o despertar dos artistas da época para a necessidade imperativa de aglutinarem-se em torno de uma entidade, onde pudessem pintar, expor, fazer palestras, ter livros para ler e atingir o meio com uma manifestação estética mais forte e atualizada

Deste modo, pretendo pesquisar como se davam as manifestações artísticas modernistas em Fortaleza por meio das confluências entre dois importantes Grupos: o Grupo Clã e a SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas) durante a década de 1940, questionando também como as articulações entre esses grupos representavam ideias, percepções de pensamentos e leituras da cidade por parte desse número de literatos e artistas, características importantes para a compreensão e desenvolvimento do meu objeto de pesquisa. Acredito que tempo e o espaço são elementos comuns a toda

experiência humana, não podemos dizer que a pintura se manifesta no tempo e a literatura no espaço sendo assim a confluência entre essas artes fundamental para a compreensão das ações dos indivíduos na temporalidade.

Fortaleza, na década de 1940 era um centro que atraía habitantes de toda a região, local onde se concentravam os principais equipamentos culturais do estado. Opinei neste trabalho por estudar as manifestações modernistas na década referida na Capital cearense e para tanto investigar a ação dos artistas, no sentido de ampliar este conceito para pintores, contistas, poetas e escritores, integrantes de grupos como o Clã e a SACAP. Em meus recentes estudos sobre o tema, encontro artigos, livros e monografias² que tratam do Clã como principal grupo de produção artística a época, porém com estudos mais aprofundados, relatos de pintores como o já citado Estrigas, discursos pronunciados por Mário Baratta, Otacílio Colares entre outros nos deixam dentro de uma pertinente conclusão: o Clã não foi o único Grupo de relevância à época e não caminhava sozinho.

O Clã grupo influenciou bastante os espaços de produção literária e cultural nos anos de 1940 e 1950. Como podemos perceber na revista de número 0, a revista Clã é, antes, uma revista de todo o Ceará mental e tem sido considerada a mais importante agremiação do modernismo cearense. No caminho de Clã deu-se uma atração que colocou, a seu lado, os artistas plásticos, também de propósito igual daí seu nome inicial ser CLAM (Clube de Literatura e Arte Moderna), artistas plásticos que em sua maioria, integravam a Sociedade Cearense de Artes Plásticas.

Acredito que investigar a interdiscursividade entre esses grupos é importante para a compreensão dos diálogos que melhor fizeram fluir a arte cearense aquela época e como afirma Mário Baratta no discurso de abertura do II Salão de Abril : *"nas tarefas de todos os dias, nos incentivos, vivendo conosco o melancólico drama da nossa arte, foram os nossos companheiros do Clube de Literatura e Arte, que por muitas vezes nos desbastaram as estradas, facilitando nossa marcha"*.³ Clã e SCAP foram na década de

² Monografia de Ednardo Honório de Lima intitulada: GRUPO CLÃ: Os intelectuais na Fortaleza dos anos de 1940 e Grupo CLÃ de Sânzio de Azevedo.

³ Estrigas, A Fase renovadora da Arte cearense. 2ª edição. 1973; UFC Edições. Fortaleza Ceará.

1940, como um só grupo, nessa troca de saberes é possível compreender a sociedade da época e o que interessava a produção artísticas dos indivíduos daquele tempo.

Esta pesquisa se torna viável pelo fato de termos fácil acesso a 30 revistas Clã, que podem nos trazer muito daquele tempo, esta revista é filha de sua escola, seus exemplares trazem consigo relatos, poesias, crônicas, contos e imagens da que se tornam fundamentais para a composição do meu objeto. A Academia Cearense de Letras e a Biblioteca Pública Menezes Pimentel, ambas localizadas em Fortaleza, tem exemplares destes números, fato que torna o estudo realizável. O acesso a outras fontes também se dá de forma viável, já que muitos dos materiais que estou analisando e pretendo analisar pertencem ao pintor e artista plástico Nilo Brito Firmeza que aos 92 anos ainda reside em seu sítio no Munbubim e, de bom grado, recebe estudiosos e curiosos sobre o assunto.

Nilo, mais conhecido como Estrigas participou da SCAP e muito guardou daquele tempo, incluindo catálogos, poemas trocados entre os membros do Clã e os da SCAP, jornais, folhetos do salões de Abril e não posso aqui esquecer de me referir as pinturas que fazem parte do acervo do Museu Firmeza que também podem ser usadas como fontes. Além dessas fontes, pretendo abordar são o Unitário e principalmente O Povo, esses periódicos são de importante relevância por trazerem críticas e o olhar da população sobre estas formas do fazer artístico, como se comportava diante de tais manifestações. Todo esse esforço tem o objetivo de tentar resonder a questões significativas acerca daquele tempo e das manifestações modernistas artísticas aquela época tais como: Como se dava essa caminhada entre pintores e escritores? Como esses grupos se inseriam e interpretavam o modernismo aquela época? Como se dava a interdiscursividade entre grupos? Temos como explicar atitudes e costumes da década de 1940 por meio da confluência entre essas manifestações artísticas? “A pintura é uma poesia muda e a poesia é uma pintura falante”, acredito que essas artes se complementam e que sim, podemos estudar tal delimitação.

Essa temática é coerente no que tange a importância de aclarar a atividade artística em Fortaleza; e objetivar algumas das numerosas faces possíveis de como se deram o desenvolvimento a disseminação dos valores artísticos modernistas na capital cearense para compreender a cidade e seu povo, fato que torna esta temática importante

do ponto de vista acadêmico, que em história não pode deixar de lado a compreensão do sujeito e do tempo.

Talvez tão importante como expor o objeto de pesquisa ao leitor é colocar-lhe ciente do tempo em que ele está inserido durante a apreciação da leitura. Para tanto, escolhi a leitura do livro *Royal Briar - A Fortaleza dos Anos 40* de Marciano Lopes que irá nos trazer um pouco do que aquela sociedade apreciava, costumes, manias, enfim, compreender o cotidiano da cidade no tempo que eu pretendo narrar. Marcelo Lopes começa manifestando seu espanto ao vir para Fortaleza em 1945 após a morte de seu pai. Antes morava em Beberibe, segundo ele, quando chegou a Capital teve a impressão de chegar a outro país.

Encantavam-lhe os prédios altos, as lojas bonitas e as suas vitrines, as ruas movimentadas, os carros, o barulho ensurdecedor dos bondes, a elegância das pessoas e as residências chiques. Naqueles dias, a população de Fortaleza, de cerca de 200 mil habitantes, assim como a população de todos os quadrantes do mundo, viviam ainda a euforia pelo término da Segunda Guerra Mundial, daí o clima de felicidade parece estar na cidade em cada sorriso.

Talvez por ser tão pequena, a Capital, na metade da década de 1940 era uma cidade com ares de aristocrática, tinha pudores de donzelas, não obstante ser tão francesa em seu acultramento. A França determinara a formação das senhoras de boa estirpe, assim como comandava a moda, o padrão das lojas, a vida social que acontecia no Clube Iracema, no Clube dos Diários e no Ideal Clube. Por isso era “*chic*” das ruas da cidade naquele tempo as moças conversando em francês e tocando piano nos fins de tarde, nas grandes moradias do centro da cidade. Marciano lembra que naquela década Fortaleza era uma cidade que se concentrava no centro que era comercial. As praças eram ajardinadas, fartamente arborizadas, convidando ao repouso e aos folguedos, dos idosos e das crianças. Havia segurança, não se ouvia a palavra de assalto e de ladrões, podia-se andar livremente a qualquer hora do dia e da noite, em todos os quadrantes da cidade, sem o menor receio. Não havia ainda a indústria de confecção, todo mundo era obrigado a comprar tecidos e procurar os alfaiates ou as costureiras, para produzirem roupas. As contribuições da obra *Royal Briar* pro meu trabalho são pertinentes quanto ao estímulo da aproximação do pesquisador com a época pesquisada. O autor da referia

obra nos leva a cinemas, praças, cafés, lojas, casarões, vitrines, clubes e nos mostra a Fortaleza que faria florescer meu objeto de estudo. Assim era Fortaleza, em 1945, quando as “mulheres se “arrumavam”, para sair, se faziam elegantes para ir ao cinema, quando as bijuterias eram filigranas e marcassitas, quando as meias eram de seda, quando as sombrinhas protegiam dos raios solares, e as “cúteis aveludadas como pétalas de rosas

E como entender a relação entre pintores e escritores que tanto pretendo narrar? Para tanto busquei o auxílio de uma obra publicada pela Edições UFC em 1983 e escrito por Nilo Brito Firmeza. O livro *A Fase Renovadora da Arte Cearense* vem explicar o que influenciou a modificação da visualização e manifestação artística no Ceará a partir dos anos de 1940, para tanto, Nilo narra personagens e instituições que foram fundamentais para a implantação do modernismo literário e artístico no Estado a começar pela atuação de um importante personagem: Mário Carneiro Baratta.

Baratta é um carioca de Vila Isabel que se tornou cearense dos melhores e aqui não poupou esforços para que se pudesse pensar em um panorama artístico renovado e modificado. Deve-se a Mário Baratta, com sua liderança, o despertar dos artistas da época para a necessidade imperativa de aglutinarem-se em torno de uma entidade, onde pudessem pintar, expor, fazer palestras, ter livros para ler e atingir o meio com uma manifestação estética mais forte e atualizada. Desse trabalho surgiu, em 1941, a primeira entidade de artes plásticas do Ceará, que se denominou Centro Cultural de Belas Artes (CCBA), para qual ele, Mário, foi eleito por aclamação, seu primeiro presidente.

Em 1944 os artistas que compunham o CCBA resolveram se aglutinar em uma nova romanização. O CCBA daria lugar a outra entidade, ou melhor, se reformularia sob a sigla de SCAP, em 27 de Agosto de 1944 é oficialmente fundada a Sociedade Cearense de Artes Plásticas. Ela englobou o CCBA e aos elementos destes, somaram outros e contou com um número maior de escritores jovens e figuras de outros setores, mas todos eles sensíveis aos problemas da arte procurando melhor situá-la, ao mesmo tempo em que se fazia movimento conjunto de Arte e de Literatura com o Grupo CLÃ (Clube de Literatura e Arte) dos quais vários elementos fariam parte da SCAP e vice-versa. O movimento renovador das artes plásticas, feito pelos artistas novos que se

agruparam no CCBA e na SCAP, coincidentemente confluuiu com o que os escritores iniciavam na literatura formando o grupo Clã com elementos ligados aos dois setores mantendo um entrosamento e apoio múltiplos.

Torna-se evidente que Clã e SCAP foram, na década de 1940, como um só grupo ou então o dos pintores teria sido uma conseqüência imediata do exemplo do estímulo dos escritores e assim, nessa confluência de saberes é possível compreender o a sociedade da época e o que interessava a produção artísticas dos indivíduos daquele tempo. Tal estudo rendeu curiosidades e questionamentos. Exemplo disso é o livro *HOMENAGEM AOS 60 ANOS DE CLÃ - REVISTA DE CULTURA* organizada por Ângela Guitiérrez, Vera Moraes e Ana Remígio. No ano de 2006, comemorou-se 60 anos de fundação do Grupo Clã. Em homenagem a esta data, a imprensa universitária da Universidade Federal do Ceará publica um livro chamado. Nesta obra encontramos, contos, depoimentos, cartas, poemas, crônicas e mensagens referentes a Revista Clã, produzida pelo grupo de mesmo nome, relatos que nos ajudam a compreender e construir os motivos que levaram a fundação do movimento literário e as influências que o grupo perpetuou ao longo das décadas. Clã não é apenas uma revista de literatura. É, antes, uma revista de todo o Ceará mental e tem sido considerado a mais importante agremiação do modernismo cearense.

A importância deste livro de homenagens para meu projeto é colher os relatos de confluências entre o Clã e a SCAP para assim melhor compor meu principal objeto: narrar os anos 1940 tendo por base os movimentos artísticos e literários e sua importância para a compreensão do modernismo nesta época. No caminho de Clã deu-se uma atração que colocou, a seu lado, os artistas plásticos, também com propósito renovador, mas o que unia esses artistas? A força dinâmica, o companheirismo e a amizade que os fazia partilhar aspirações, metas e planos.

Era isto que ligava o Clã ao grupo das artes plásticas, ao grupo do teatro, a qualquer iniciativa artística e cultural que surgisse e estivesse disposta a se agitar, na procura sempre insatisfeita de rumos novos para a cultura brasileira. Sabrina Albuquerque de Araújo Costa em sua Dissertação de Mestrado defendida em 2010 com o título *O Artista Zenon Barreto e a Arte Pública na cidade de Fortaleza* nos esclarece ainda mais sobre as confluências dessas manifestações modernistas. A autora mostra

aspectos da arte pública em Fortaleza, principalmente entre os anos de 1950 e 1965 dando destaque para o artista Zenon Barreto, mas é o tópico intitulado *O desenvolvimento do meio artístico local* que mais nos interessa. Sabrina Albuquerque lembra que o ano de 1941 é emblemático para as artes plásticas cearenses. Até então, raros eram os contatos dos artistas locais com os artistas de outros centros. Todo o reconhecimento chegava ao Ceará através de livros, revistas e jornais e o meio cultural estava disperso e sem uma entidade que congregasse os artistas, o que contribuía para o individualismo entre eles. Já na década de 1930, os artistas que antes se dedicavam a produzir cartazes publicitários ou a fazer pinturas em estúdios fotográficos (entre eles posso citar: Clidenor Capibaribe e Afonso Bruno) sentiam necessidade de aglutinarem com outros artistas, porém faltava um líder que mais tarde iria aparecer, seria Mário Baratta, este jovem acadêmico soube conciliar a vida acadêmica com suas produções artísticas. Fundaram assim CCBA (instrução já citada acima), instituição já citada neste trabalho que entre os anos de 1941 e 1944 se dedicou a realizar 3 Salões de Pintura mas faltava-lhes a verba pra continuar. Assim sendo, em 1944 o CCBA consegue junto com a prefeitura de Fortaleza sua sede que se localizaria nas proximidades da Praça do Ferreira. Ainda assim as dificuldades continuaram e no intuito de superá-las a diretoria do CCBA decidiu unir forças com o Clube de Literatura e Arte. Segundo Sabrina Albuquerque, dessa união nasceu a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) no dia 27 de Agosto de 1944 com o objetivo de estabelecer intercâmbios com artistas e sociedades do país ou do estrangeiro. A SCAP foi fundamental para o desenvolvimento da arte de sua época através do seu Curso Livre de Desenho e Pintura, da Escola de Belas Artes e, principalmente pelas exposições como o Salão de Abril que até hoje é um dos principais eventos artísticos nacional.

O movimento cultural dos anos de 1940 é profundamente marcado pela atividade conjunta entre pintores e escritores", é assim que Roberto Galvão inicia o capítulo "Relação entre pintores e escritores" do livro *A escola invisível- artes plásticas em Fortaleza 1928 - 1958*. Antônio Girão Barroso, diz na revista Clã nº 27 que os poetas locais contaram com a ajuda dos pintores Bandeira, Baratta, Aldemir, Barbosa Leite, etc., para a realização do Congresso de Poesia de Fortaleza em 1942. Ainda em depoimento de Girão, sabe-se que na escolha da palavra Clã para nomear o grupo literário foi importante a participação de Mário Baratta. E o famoso "regabofe" que,

segundo Eduardo Campos marca o início das atividades de Cã, realizado no Mudubim em 26 de outubro de 1942, estavam presentes, entre os escritores Antônio Girão, Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides, e os pintores presentes foram Aldemir Martins, Antônio Bandeira e Estrigas. A primeira publicação de Clã foi ilustrada por Bandeira. Era, no início, intenção do clube literário a implantação, além de uma editora de um teatro e um ateliê e assim começava a interação.

Podemos verificar a relação dessa relação em documentos como As revistas Clã. O número 0 viria expressar a identidade desta revista que, fruto do grupo considerado o mais importante do modernismo cearense, viria a expressar tanto sobre a capital do Ceará nos anos de suas publicações. No caminho de Clã deu-se uma atração que colocou, a seu lado, os artistas plásticos, daí seu nome inicial ser CLAM (Clube de Literatura e Arte Moderna). O Jornal O Povo é outra importante fonte na composição desta pesquisa As publicações de 1942 a 1946 têm extrema relevância quanto a crítica e incentivo a formação do Grupo Clã e manifestações da SCAP, conteúdo que são encontrados nos cadernos de cultura entre esses anos. Por fim cito os depoimentos do artista plástico Nilo Brito Firmeza. A importância dos relatos deste pintor para o este trabalho é referente a sua participação na SCAP mesmo que nos anos de decadência deste grupo e também nos depoimentos que este artista é capaz de dar sobre os Salões de Abril e as reuniões protagonizadas por pintores (membros da SCAP) e escritores (membros da Clã) cujo os temas eram o modernismo e as articulações das manifestações deste movimento aqui em Fortaleza durante as décadas de 1940 e as que viriam posteriormente.

E assim, por meio das fontes já citadas no texto e das análises da bibliografia mencionada, pretendo compreender como as ações desses grupos refletiam o modernismo na capital cearense. Bem mais que simples movimentos artísticos, esses grupos representavam o amadurecimento de uma "escola invisível" que se manifestava desde 1928 e nos anos de 1940 tomava fôlego e tornava-se possível, traduziam as relações entre Cultura e Estado, uma salutar decorrência no campo das manifestações pictóricas do movimento renovador que já naquele tempo não tinha preocupações em causar escândalo pelas fórmulas esdrúxulas que caracterizavam as vanguardas modernistas.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas III - Charles Baudelaire - Um lírico no auge do Capitalismo São Paulo, Brasiliense, 1995.

Estrigas. A Fase renovadora da Arte cearense, 2ª edição. Fortaleza, UFC edições. 1983.

Ednardo Honório de Lima. GRUPO CLÃ: Os intelectuais na Fortaleza dos anos de 1940.

Lopes, Marciano. Royal Briar: A Fortaleza dos anos 40. Fortaleza, Ed. Tipogresso, 1988.

Costa, Sabrina Albuquerque de Araújo. O Artista Zenon Barreto e a Arte Pública na cidade de Fortaleza. 2010. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP, Campinas, 2010.

LIMA, Roberto Galvão. **A Escola Invisível**: Artes Plásticas em Fortaleza 1928 – 1958. Quadricolor editora: Fortaleza, 2008.